

CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA HORTICULTURA BRASILEIRA

Vanessa Gomes Santos¹; Amilton Cesar dos Santos²

¹ Pedagoga pela Universidade Anhanguera e Agrônoma pelo Centro Universitário Unifeob, mestre e doutoranda em Educação Científica, Matemática e Tecnológica, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Campus Butantã, São Paulo-SP.

² Biólogo e médico veterinário pelo Centro Universitário Unifeob, Pesquisador independente, mestre e doutor pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, Campus Butantã, São Paulo-SP.

E-mail: vanessagomes@usp.br

Recebido em: 15/11/2025 – Aprovado em: 15/12/2025 – Publicado em: 30/12/2025

DOI: 10.18677/EnciBio_2025D4

RESUMO

Embora o Brasil seja uma potência agrícola mundial, responsável por grande aporte de alimentos no mundo, uma parte dessa produção, cujo setor envolve a horticultura ainda possui fontes escassas de informações sobre sua construção histórica. Diante dessa constatação, o presente trabalho tem como objetivo realizar um levantamento bibliográfico da historicidade da horticultura no Brasil, contribuindo para suprir a lacuna existente na literatura sobre o tema. Foi realizada uma revisão bibliográfica integrativa de lógica dedutiva baseada em obras raras do século XIX, além de livros e artigos que tratam da construção histórica da horticultura e suas lacunas temporais e dificuldades em se traçar a linha do tempo dessa párea de conhecimento agrícola. Através desta busca bibliográfica histórica foi possível verificar algumas tentativas de se trazer levantamentos sobre a historicidade da horticultura no Brasil. Sendo assim, considera-se que, a busca pelas raízes históricas e preservação da memória agrícola e evolução técnico-científica da horticultura brasileira como a realizada na presente pesquisa podem favorecer a construção de um sólido campo de saber que é a horticultura.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura; Hortas; Olericultura.

HISTORICAL CONSTRUCTION OF BRAZILIAN HORTICULTURE

ABSTRACT

Although Brazil is a global agricultural powerhouse, responsible for a large portion of the world's food supply, a portion of this production, specifically horticulture, has scarce sources of information regarding its historical development. Given this fact, this work aims to conduct a bibliographic survey of the history of horticulture in Brazil, contributing to filling the existing gap in the literature on the subject. An integrative bibliographic review using deductive logic was carried out, based on rare 19th-century works, as well as books and articles that address the historical development of horticulture and its temporal gaps and difficulties in tracing the timeline of this area of agricultural knowledge. Through this historical bibliographic search, it was possible to verify some attempts to present surveys on the history of horticulture in Brazil.

Therefore, it is considered that the search for historical roots and the preservation of agricultural memory and the technical-scientific evolution of Brazilian horticulture, as carried out in this research, can favor the construction of a solid field of knowledge: horticulture.

KEYWORDS: Agriculture; Vegetable gardens; Vegetable growing.

INTRODUÇÃO

A historicidade da horticultura brasileira permanece pouco explorada em produções acadêmicas e científicas, o que indica uma lacuna significativa na sistematização desse campo de estudo. Observa-se que, ao longo de mais de cinco séculos de prática agrícola no País, são escassas as obras que apresentam organização e síntese abrangentes sobre o desenvolvimento da horticultura nacional. As informações disponíveis encontram-se, em sua maior parte, dispersas em compêndios gerais sobre agricultura, especialmente em capítulos dedicados à olericultura e às práticas agrícolas tradicionais. Nesse panorama, alguns estudos sobre a história da agricultura no Brasil descrevem tanto o uso de grandes lavouras por civilizações pré-colombianas, como Incas, Maias e Astecas, quanto a presença de hortas familiares entre os povos indígenas brasileiros. Esses grupos cultivavam espécies como milho, mandioca, abóbora, feijão, batata-doce, cará e amendoim, demonstrando formas de manejo agrícola que antecedem a colonização europeia e que contribuíram para a base da horticultura praticada posteriormente no território nacional (PASCHOAL, 2024).

Estudos sobre a olericultura no período colonial apontam que documentos históricos, como a Carta de Pero Vaz de Caminha registram o consumo de hortaliças indígenas, tais como, inhame e mandioca, pelos povos tupiniquins. Outro conjunto relevante de informações remonta a 1637, quando o conde Maurício de Nassau trouxe em sua comitiva o pintor Albert Eckhout, responsável por produzir registros iconográficos de inestimável valor histórico. Suas obras retratam frutas e hortaliças cultivadas no Brasil naquele período, constituindo importante fonte documental sobre a diversidade agrícola então existente (MELLO; MELLO, 2016). Apesar dessas contribuições, os mesmos autores ressaltam a persistente ausência de sistematização do conhecimento sobre a olericultura no Brasil, lacuna também observada em outros países de língua portuguesa. Entretanto, projetam avanços nesse cenário a partir da promoção de encontros, diálogos e iniciativas colaborativas entre pesquisadores brasileiros e portugueses, visando a consolidação de estudos específicos sobre o tema.

Alguns estudos sobre a história da agronomia e da ciência agrícola no Brasil destacam o papel de instituições, como a Embrapa, no avanço do melhoramento tecnológico e das biotécnicas direcionadas à agricultura. Embora consistentes e abrangentes, tais relatos abordam a agricultura de forma generalizada, com ênfase nas grandes lavouras e *commodities*. Nesse contexto, a horticultura aparece tratada de maneira secundária, ocupando espaço marginal frente às descrições sobre as principais áreas produtivas e às inovações tecnológicas implementadas no País (CABRAL, 2021).

A extensa obra de Paschoal (2024) apresenta uma análise detalhada e abrangente da história da agricultura brasileira ao longo de seus cinco séculos de desenvolvimento. Entretanto, grande parte do conteúdo concentra-se nas culturas majoritárias, como cana-de-açúcar, café e soja, bem como em discussões

relacionadas às escolhas políticas agrárias e ao surgimento de importantes instituições, a exemplo do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Nesse escopo, observa-se que o autor dedica pouca atenção às hortaliças e às pequenas produções hortícolas. Ainda que a obra mencione práticas alimentares e sistemas produtivos dos povos ameríndios anteriores à colonização europeia, tais registros não são articulados em uma linha histórica contínua que evidencie a evolução da horticultura ao longo do tempo.

Autores como Petryet *al.*, (2016) ressaltam a dificuldade de localizar fontes históricas sistematizadas sobre a horticultura no Brasil. Em razão dessa lacuna, defendem a necessidade de maior reconhecimento e valorização da horticultura na formação do engenheiro agrônomo, considerando inclusive o uso de hortas na paisagem e a criação de novas possibilidades de atuação profissional. De acordo com esses autores, essa valorização contribuiria para a evolução e atualização da legislação, além de favorecer a formação de profissionais capacitados para o exercício da horticultura no País. Tal movimento, argumentam, permitiria projetar um futuro orientado para práticas hortícolas mais sustentáveis, em contraposição ao modelo extensivo e predominantemente comercial que caracteriza a horticultura tradicional brasileira.

Portanto, conforme apontado pelos autores supracitados, embora o Brasil seja uma potência agrícola mundial, historicamente reconhecida e amplamente documentada, e responsável por significativo aporte de alimentos no cenário global, observa-se que uma parcela dessa produção, especificamente a relacionada à horticultura, possui fontes limitadas acerca de sua trajetória histórica e de sua evolução no Brasil. Diante dessa constatação, o presente trabalho tem como objetivo realizar um levantamento bibliográfico da historicidade da horticultura no Brasil, contribuindo para suprir a lacuna existente na literatura sobre o tema.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E LOCALIZAÇÃO DAS OBRAS UTILIZADAS NA PESQUISA

Esta fundamentação teórica está dividida em subseções que tratam da metodologia de como as obras foram acessadas (1); posteriormente foi realizada a descrição de um recorte da horticultura no Brasil do século XIX a partir dos quatro volumes da “Revista de Horticultura” (2); e, por fim foram reunidas ilustrações científicas de hortaliças estudadas no IAC e como eram realizados esses registros (3). Ao final são adicionadas reflexões e argumentações sobre a importância da historicidade da horticultura no Brasil, como maneira de se entender e destacar os caminhos percorridos, bem como, os desafios para a produção de conhecimento em horticultura no Brasil.

A presente pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica integrativa de caráter qualitativo, com o objetivo de reunir, organizar, analisar e interpretar criticamente as publicações das primeiras revistas de horticultura do Brasil em destaque, a “Revista de Horticultura”, cujos raros volumes publicados estão disponíveis no acervo da biblioteca do IAC e na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Além dos quatro exemplares da “Revista de Horticultura” publicados no Brasil entre os anos de 1876 e 1879, pinturas de variedades e cultivares de hortaliças pintadas por ilustradores do IAC são trazidas a tona (figuras que pelo estado de deterioração pelo tempo e armazenamento foram editadas como

alternativa para melhorar suas aparências gráficas, porém sem alterar detalhes da imagem), além de outras obras que foram reunidas a partir de uma busca restrita àquelas que abordam a importância da sistematização do conhecimento sobre a historicidade da horticultura no Brasil. Estas obras estavam disponíveis nas plataformas do SCIELO, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e na Biblioteca da Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz da Universidade de São Paulo. A pesquisa seguiu a lógica dedutiva, partindo de uma investigação geral dos artigos publicados nos quatro exemplares da “Revista de Horticultura” e avançando sobre o apelo de outros autores para a necessidade de se preservar a gênese da horticultura e seu caminho histórico no Brasil. Durante a pesquisa, os conteúdos foram tratados de forma crítica e ética, respeitando a integridade intelectual dos autores e a fidedignidade dos dados conforme os princípios requeridos para a produção acadêmico-científica, descritos por Marconi e Lakatos (2017).

A REVISTA DE HORTICULTURA (1876–1879) E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTORICIDADE DA HORTICULTURA BRASILEIRA

A “Revista de Horticultura”: Jornal de Agricultura e Horticultura Prática iniciou sua publicação no Rio de Janeiro em 1876 (Figura 1A), sendo editada por Frederico de Albuquerque e contando com a colaboração de nomes como J. Barbosa Rodrigues, Conselheiro H. de Beaurepaire-Rohan, Dr. J. M. Caminha, entre outros. A tipografia responsável pela impressão dos quatro volumes foi a *Typographia Universal de E. & H. Laemmert*, uma das casas tipográficas mais importantes do século XIX no Brasil, situada na Rua dos Inválidos, no Rio de Janeiro. O periódico seguia periodicidade mensal e apresentava organização anual em volumes que incluíam figuras intercaladas, conforme registros da época. Exemplares físicos encontram-se preservados no acervo da biblioteca do IAC, instituição reconhecida por seu acervo científico histórico altamente relevante (ALBUQUERQUE *et al.*, 1876).

A análise das primeiras iniciativas editoriais dedicadas à horticultura no Brasil demonstra a relevância da “Revista de Horticultura” como um dos primeiros periódicos especializados do País a tratar exclusivamente de práticas hortícolas, floricultura, fruticultura e técnicas de cultivo. O Volume II, publicado em 1877 (Figura 1B), integra este esforço editorial e constitui uma fonte primária fundamental para compreender o desenvolvimento da horticultura no período imperial. O exemplar analisado pertence ao acervo histórico do IAC, fato comprovado pelos carimbos oficiais impressos nas folhas iniciais. Desde sua fundação em 1887, o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) organizou uma das bibliotecas agrícolas mais antigas do Brasil, incorporando, em seus primeiros anos, documentos técnico-científicos provenientes do Império, entre os quais os volumes da “Revista de Horticultura” (ALBUQUERQUE *et al.*, 1877).

O Volume II apresenta forte caráter enciclopédico, reunindo conhecimentos hortícolas disponíveis na época e inclui extensos índices de matérias e de gravuras. Esses índices registram espécies ornamentais, frutíferas e olerícolas, instrumentos agrícolas, práticas de cultivo, novas variedades, relatos de jardins botânicos e notícias internacionais sobre horticultura. Esses conteúdos evidenciam a interlocução entre o Brasil e centros hortícolas europeus, além de destacar espécies então cultivadas em viveiros e hortas do território nacional (ALBUQUERQUE *et al.*, 1877).

O conteúdo do periódico demonstra que, no contexto do Império, a horticultura articulava aspectos produtivos, paisagísticos e científicos, evidenciando a consolidação gradual de um campo de conhecimento ainda incipiente, mas em crescente especialização. Uma dedicatória inserida no Volume II e dirigida ao Conselheiro Barão de Cotegipe, datada de dezembro de 1877, sugere a existência de apoio político às iniciativas editoriais associadas à botânica aplicada, ao cultivo de plantas e à modernização agrícola. A raridade desses volumes e a escassez de referências sistematizadas sobre sua circulação reforçam seu valor documental. O periódico registra espécies cultivadas, métodos de propagação, enxertia, organização de viveiros, exposições agrícolas e florações ornamentais, permitindo reconstituir práticas hortícolas do século XIX que raramente aparecem em obras posteriores (ALBUQUERQUE *et al.*, 1877).

O Volume III, publicado em 1878 (Figura 1C), representa outro marco documental significativo para a historiografia da horticultura brasileira. Sua presença no acervo do IAC indica que esses volumes podem ter sido consultados por agrônomos e pesquisadores nos primeiros anos de estruturação científica da agricultura paulista. Embora a capa apresente a indicação “Em Casa do Redactor – Rua de S. Leopoldo, 46”, a impressão tipográfica continuou sendo realizada pela *Typographia Universal de E. & H. Laemmert*. Essa combinação entre casa editorial própria e impressão terceirizada caracteriza um modelo editorial híbrido recorrente nas publicações científicas oitocentistas (ALBUQUERQUE *et al.*, 1878).

Uma particularidade do Volume III é sua dedicatória ao Dr. Auguste François Marie Glaziou, botânico francês responsável pela reforma e pela organização do Jardim do Passeio Público, no Rio de Janeiro. A dedicatória destaca os “relevantes serviços prestados à horticultura no Brasil”, reconhecendo Glaziou como figura central na introdução de espécies ornamentais, na organização de coleções botânicas e na paisagem urbana do País no século XIX. Outra contribuição essencial deste volume é a seção intitulada “Chronica”, que reúne notas necrológicas, relatos de intercâmbio botânico internacional, circulação de plantas e sementes, inovações técnicas e notícias hortícolas traduzidas de periódicos estrangeiros. Entre os relatos, destaca-se a homenagem ao botânico Joaquim Correia de Mello, figura de renome científico no Brasil e no exterior. A seção também menciona atividades do Jardim Botânico de Brisbane, indicando a distribuição de milhares de estacas, bulbos e sementes, além de apresentar informações sobre culturas como a videira, o morango e diversas espécies ornamentais importadas. Outro relato refere-se a um fenômeno natural incomum envolvendo um raio que destruiu parcialmente um cultivo agrícola na França, transcrito do periódico europeu *Nord-Est Agricole et Horticole* (ALBUQUERQUE *et al.*, 1878).

Esses registros demonstram o papel da “Revista de Horticultura” como mediadora entre o conhecimento internacional e os horticultores brasileiros, e evidenciam a circulação global de informações botânicas no século XIX. A análise desse volume confirma seu caráter informativo e documental, oferecendo subsídios para a reconstrução das práticas hortícolas, dos sistemas produtivos e dos vínculos científicos estabelecidos naquele período. Sua circulação contribuiu para a consolidação de uma cultura horticultural nacional, articulando práticas tradicionais, influências europeias e o desenvolvimento inicial da horticultura científica no Brasil (ALBUQUERQUE *et al.*, 1878).

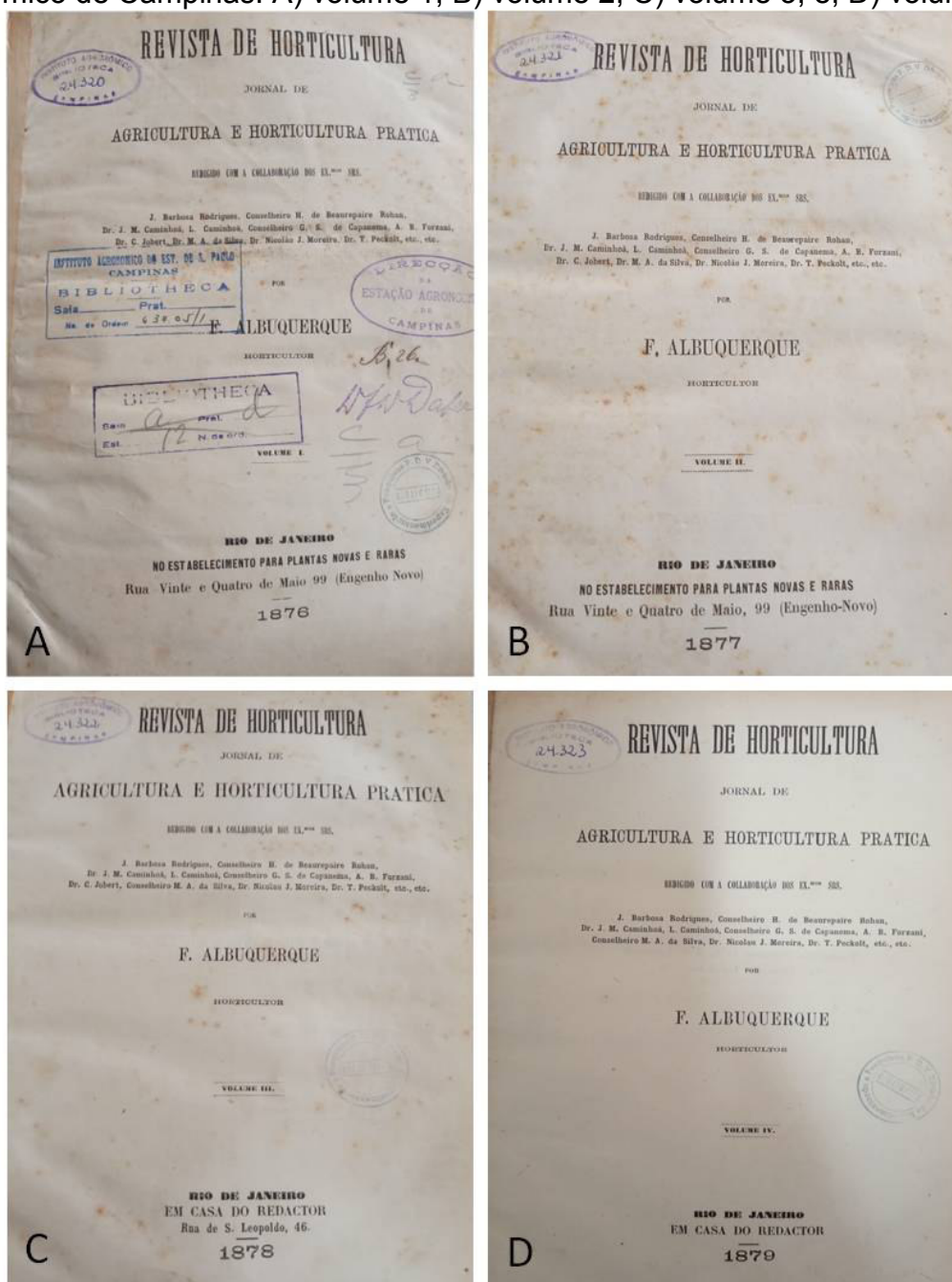
O Volume IV, publicado em 1879 (Figura 1D), representa um dos documentos mais raros e tecnicamente elaborados do conjunto de periódicos. Este volume, assim como os anteriores, encontra-se preservado no acervo histórico do IAC, com número de tomo e carimbos compatíveis com o padrão de catalogação utilizado pela instituição entre o final do século XIX e o início do século XX. A capa do volume indica que a obra foi publicada “Em Casa do Redactor, Rua de S. Leopoldo, 46”, enquanto o verso da folha de rosto confirma a continuidade da impressão tipográfica pela *Typographia Universal de E. & H. Laemmert*. Esse arranjo demonstra coerência editorial entre os quatro volumes e confirma o modelo híbrido de produção adotado pelo periódico (ALBUQUERQUE *et al.*, 1879).

O Volume IV contém uma dedicatória ao Exmo. Sr. Duarte de Oliveira Junior, redator do jornal, evidenciando vínculos de colaboração editorial e institucional. O volume apresenta ainda um amplo “Índice das Gravuras” e “Índice das Materiais”, que listam centenas de verbetes referentes a plantas ornamentais, frutíferas e olerícolas, técnicas de propagação, jardinagem, variedades introduzidas, instrumentos agrícolas e observações de natureza prática. A diversidade temática desse volume reforça o papel do periódico como veículo de difusão e sistematização do conhecimento horticultural na segunda metade do século XIX (ALBUQUERQUE *et al.*, 1879).

A presença recorrente de espécies exóticas e ornamentais, como *Begonia*, *Camelia*, *Erythrina*, *Kalanchoe*, *Rhododendron*, *Yucca* e *Wahlenbergia*, evidencia o intenso intercâmbio botânico internacional estabelecido no período. Do mesmo modo, referências a frutas, árvores e plantas alimentares demonstram que a horticultura atuava, no contexto imperial, em interface direta com a agricultura, a arboricultura e a adaptação de variedades úteis ao clima e às condições brasileiras. Esse conjunto de verbetes representa uma fonte primária singular para a reconstrução das práticas, dos interesses científicos e das redes de circulação de plantas na horticultura oitocentista (ALBUQUERQUE *et al.*, 1879).

Assim, os periódicos publicados entre 1876 e 1879 configuram um marco inicial da literatura especializada em horticultura no Brasil, suprimindo lacunas históricas e oferecendo elementos essenciais para a construção da historicidade da horticultura brasileira. Os quatro volumes analisados apresentam coerência editorial, relevância científica e profunda inserção no contexto agrícola e botânico do século XIX, tornando-se fundamentais para a compreensão da formação e evolução da horticultura no País.

FIGURA 1: Capas dos quatro volumes da “Revista de Horticultura” publicadas entre 1876 e 1879. As revistas podem ser encontradas no acervo da biblioteca do Instituto Agrônomo de Campinas. A) volume 1; B) volume 2; C) volume 3; e, D) volume 4.



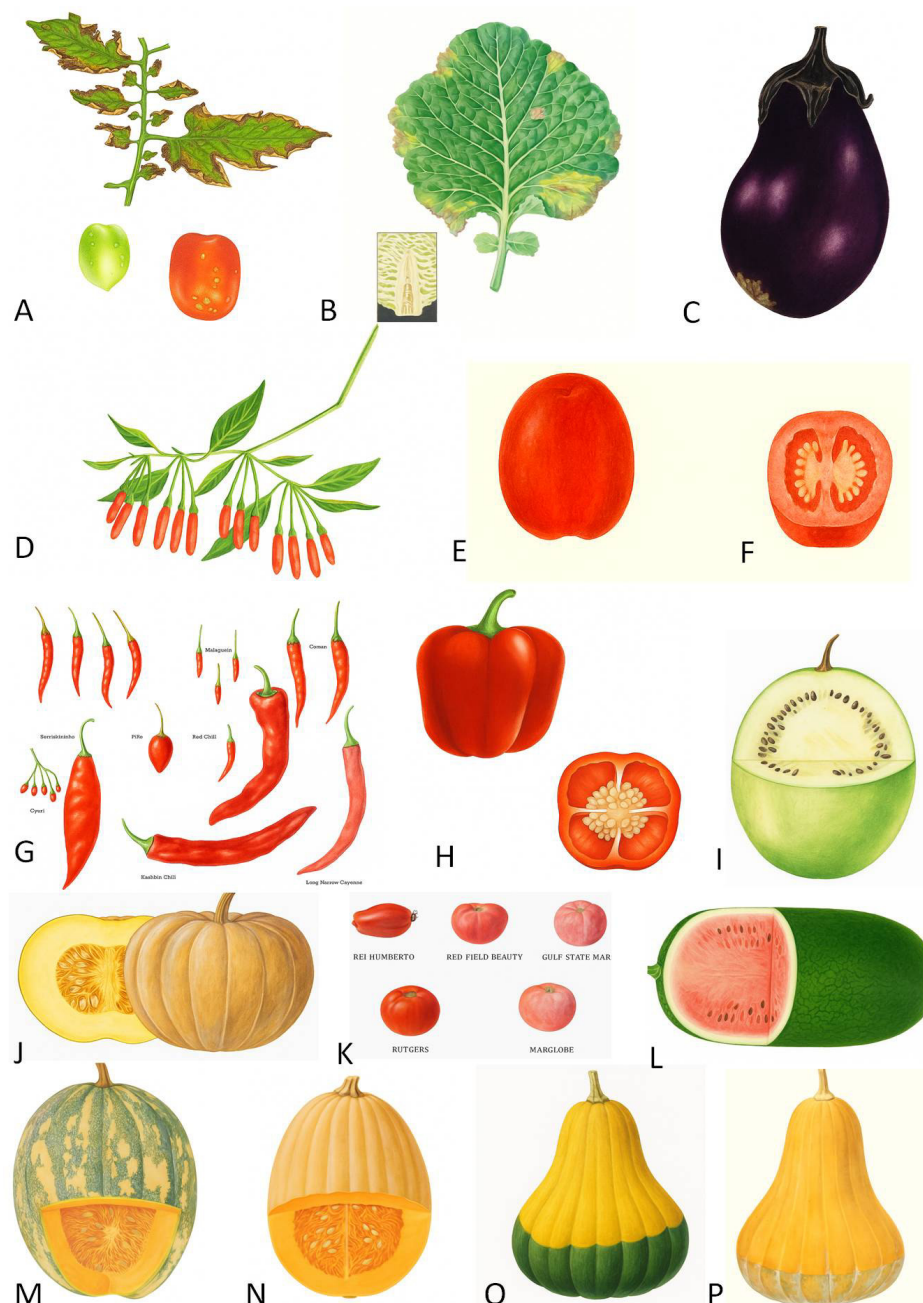
FONTE: Revista de Horticultura 1, 2, 3 e 4 (1876, 1877, 1878, 1879).

PINTURAS DE VARIEDADES E CULTIVARES DE HORTALIÇAS BRASILEIRAS DISPONÍVEIS NO IAC

Nesta seção foram reunidas pinturas ilustrando novas variedades e conhecimentos botânicos de hortícolas realizadas no IAC pela pesquisadora Maria de Lourdes Savóia (1923-2000) que se destacou como uma das mais importantes ilustradoras botânicas do Brasil. A ilustradora ingressou na instituição em 1945 e construiu uma carreira sólida e reconhecida trabalhando por décadas e produzindo um vasto acervo de ilustrações científicas de plantas (Figura 2) (MELO; FABRI, 2017; SILVA, 2022).

Sua atuação, marcada por rigor técnico, precisão morfológica e sensibilidade artística, foi essencial para a documentação da flora brasileira e para o avanço das pesquisas em botânica, fitotecnia e horticultura realizadas no instituto. As obras de Savóia, amplamente empregadas em publicações científicas, relatórios agronômicos e materiais técnicos, permanecem preservadas no acervo histórico do IAC, constituindo referência indispensável para pesquisadores e para a memória gráfica da botânica e ciência agrícola no País. Seu legado, reconhecido tanto pela instituição quanto por pesquisadores contemporâneos, representa a síntese entre ciência e arte, contribuindo significativamente para a consolidação da ilustração botânica brasileira no século XX (MELO; FABRI, 2017; SILVA, 2022).

FIGURA 2: Ilustrações botânicas de hortaliças e frutos produzidas por Maria de Lourdes Savóia. A: tomate afetado por doença foliar; B: folha de couve com dano fisiológico; C: berinjela; D: ramo com pimentas; E–F: variedades de tomate; G: diferentes cultivares de pimentas; H: pimentão vermelho e corte transversal; I: melão; J: abóbora tipo moranga; K: cultivares de tomate do IAC; L: melancia; M–P: variedades de abóboras e cucurbitáceas ilustradas em vista externa e em corte. Ilustrações originais de Maria de Lourdes Savóia (IAC).



FONTE: Acervo histórico do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC).

A CONSTRUÇÃO DA HORTICULTURA NO MUNDO E NO BRASIL

A horticultura possui suas bases históricas se originando com o fim dos hábitos nômades. Depois dessa alternância de hábito, a prática da horticultura caminhou com a história das civilizações através da criação e uso de hortas e jardins em propriedades e locais públicos. Isso permitiu que seu uso evoluísse ao longo do tempo por meio de um processo de interação homem e planta com diversos avanços (FABRI *et al.*, 2022).

No continente americano, o avanço da agricultura ocorreu de maneira diferente do que ocorreu em países orientais, considerados como berço da agricultura (há aproximadamente 12.000 anos) margeando os rios Tigres, Eufrates e Nilo. Aqui começa a diferenciação de hábitos alimentares, pois nos países do oriente, homens primitivos cultivavam cereais, trigo e cevada enquanto na América tropical predominavam o uso de raízes e tubérculos como a mandioca na alimentação. Não obstante, atualmente são reconhecidas ao menos 250 variedades de mandioca e cerca de 4.000 cultivares no Brasil, sendo o vegetal mais consumidos depois do arroz e do milho. Além da mandioca, outras plantas domesticadas pelos indígenas brasileiros eram o amendoim, abacaxi, caju, maracujá e castanha-do-pará (PASCHOAL, 2024).

Os indígenas brasileiros praticavam um tipo de agricultura adaptada para áreas cobertas por matas virgens fechadas, ou áreas de cerrados. Esses faziam suas roças, plantando raízes, como a mandioca-brava (*Manihotesculenta*), a macaxeira ou aipim e a batata-doce (*Ipomoea batatas*), originária dos Andes. Outros consumos incluíam tubérculos como o cará amazônico (*Dioscorea trifida*) e outras espécies de *Dioscorea* ocorrentes no Brasil. Nessas pequenas hortas indígenas não faltavam também milho e amendoim. Sendo assim, no período pré-colombiano os índios da Amazônia e outras regiões das Américas iniciaram a horticultura com espécies de porte baixo e vida curta, tais como a mandioca, a macaxeira, a batata-doce, o amendoim, o cará, a taioba, o tajá, o milho, o abacaxi, o algodão e a pimenta e depois inseriram o cultivo de árvores frutíferas, como o mamão, o caju, o jenipapo e o cupuaçu, além de outras que serviam para obter corantes como o urucum (PASCHOAL, 2024).

Após o descobrimento das Américas e do Brasil, além dos hábitos indígenas, outras dietas trouxeram consigo novas espécies para a horticultura brasileira, como foi o caso da dieta africana no período escravagista. Neste período foram introduzidas espécies como o inhame, quiabo, jiló, maxixe, melão, cachi, vinagreira, melancia, entre outras hortaliças que faziam parte da dieta dos países africanos de onde os escravos procediam. Tão grande era a diversidade de novas plantas que essas hortaliças tiveram influência marcante na formação da diversificada e rica culinária brasileira (MELLO; MELLO, 2016).

Ainda no período colonial, a chegada da família real acompanhando o Rei Dom João VI, em 1808 também influenciou na introdução de novos hábitos na dieta alimentar, sobretudo nas regiões centrais e do sul do País. A partir dessa mudança, foi intensificado o cultivo e o consumo de hortaliças em todo o Brasil, pois até essa época, o uso de hortaliças é considerado insignificante por pesquisadores, uma vez que, o consumo de hortaliças era limitado ao cardápio das famílias abastadas da colônia (MELLO; MELLO, 2016).

Outra contribuição que estimulou o desenvolvimento da horticultura no Brasil foi o estabelecimento dos açorianos no Rio Grande do Sul, considerado como fator

preponderante para a introdução da cultivar de cebola Garrafal, originária de Portugal. Após sua inserção, foi realizada uma seleção empírica, originando o complexo de cebola Varietal constituído pelas populações Pera, Norte-Baia e Periforme, formando um valioso germoplasma genuinamente brasileiro, considerada a base do melhoramento genético de cebola para as condições climáticas brasileiras (MELLO; MELLO, 2016).

Já no século XX, com as quedas de produção de Cana-de-açúcar e café, as terras sem cultivo acabaram sendo ocupadas por plantio intensivo de culturas, além da criação de animais para consumo interno, sobretudo no entorno de grandes cidades, devido ao crescimento da população urbana; como aconteceu com o arroz no Vale do Paraíba e a fruticultura e olericultura no chamado “Cinturão Verde” de São Paulo (PASCHOAL, 2024).

Como observado ao longo da presente obra, os registros sobre a história da horticultura brasileira ainda são escassos. Porém existem autores portugueses que são fontes primárias e pode fornecer importante arcabouço teórico e documental sobre essa área do conhecimento e da economia brasileira. Um exemplo é a obra da pesquisadora portuguesa Rodrigues (2017) que traz um levantamento documental sobre a horticultura do século XIX e traz dados sobre a relação entre Portugal e Brasil. Por exemplo, a autora traz a figura de Frederico Guilherme de Albuquerque, que atuou no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo como botânico autodidata, quem foi o editor e redator da Revista de Horticultura (1876 -1879) supracitada. Outro exemplo dado pela autora é o de João Dierberger (final do século XIX e início do século XX), que é considerado um dos maiores floricultores de seu tempo e deixou uma descendência que ainda continua nesse ramo. A autora ainda cita outros exemplos em São Paulo e províncias imperiais e nos estados brasileiros após a Proclamação da República em 1889.

Ainda no final do século XIX e início do século XX em São Paulo, tem-se a figura de Alberto Löfgren, naturalista, sueco radicado no Brasil, a quem dedicada a memória em propor melhorias aos jardins paulistas. Ele foi o responsável pela seção de Botânica da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, desenvolvendo estudos sobre a Flora Paulista. Foi diretor do Horto Botânico da capital paulista, onde promoveu aclimação de espécies exóticas, tanto ornamentais como frutíferas; trabalhou pela domesticação de plantas silvestres brasileiras; realizou intercâmbios no Brasil e no exterior, mas não obteve apoio suficiente para criar uma Sociedade Paulista de Horticultura, que deveria atuar em três eixos: Pomicultura, a horticultura propriamente dita e a jardinagem (RODRIGUES, 2017).

Apesar desses esforços em se realizar um resgate da história da horticultura brasileira, muitas obras como da autora supracitada pertencem a autores portugueses e nem sempre estão disponíveis no Brasil. Além disso, essa autora ainda reforça que muitos desses personagens e momentos históricos ainda são quase que completamente desconhecidos, ou nem mesmo são estudados do ponto de vista da história das ciências.

Na década de 60 no Brasil foi fundada a Sociedade de Olericultura do Brasil por um grupo de 28 técnicos de diversos estados brasileiros, reunidos em Viçosa-MG, na então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, que atualmente é conhecida como Universidade Federal de Viçosa. A proposta foi a de realizar reunião anual para apresentar e discutir trabalhos relacionados com a produção de

hortaliças, dando origem a publicação Olericultura, que posteriormente passou a ser denominada Revista de Olericultura (HENZ; BRUNE, 2004).

Na década de 80, mais especificamente em 1983 foi fundada a revista Horticultura Brasileira concebida por um dos pesquisadores em 1982 em substituição a Revista de Olericultura. Trata-se do início inovador de revista científica que trazia um escopo maior para atrair boas obras de outras áreas além da olericultura, tais como as ervas medicinais, a floricultura e a fruticultura. Porém, a falta de recursos financeiros é indicada como causa da baixa sobrevivência das revistas brasileiras, além do excessivo número de publicações que terminam por diluir os recursos financeiros (HENZ; BRUNE, 2004).

Atualmente, do ponto de vista socioeconômico, a concentração da horticultura ocorre principalmente na agricultura familiar. A produção de vegetais em hortas relaciona ciência, tecnologia e estética dos alimentos, possuindo grande valor agregado, com oferta de produtos *in natura* ou minimamente processados. Na atualidade a horta tem se destacado por proporcionar bem-estar, lazer e benefícios nutricionais. Assim, a promoção da criação de hortas também se alinha aos objetivos sustentáveis da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) e Programas nacionais como Fome Zero e Agricultura Sustentável no Brasil (FABRI *et al.*, 2022).

PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA HORTICULTURA NO BRASIL

A horticultura ocupa desde 2015 uma posição importante no agronegócio, brasileiro, superando 19 milhões de toneladas comercializadas a partir deste ano (2015); com mais de 30 espécies cultivadas e mais de R\$ 24 milhões de reais em valores comercializados. Os principais cultivos de hortaliças incluem: O tomate, a batata, cebola, cenoura, alface, banana, laranja, maçã, mamão e melancia. Contudo, mesmo com números significativos, em diversas propriedades, a produção permanece em sistema de cultivo convencional e sem uso de tecnologias modernas (CARDOSO *et al.*, 2024). Mas, vale destacar que, a maior produção de hortaliças no Brasil é oriunda de pequenas propriedades agrícolas denominadas familiares, como citado anteriormente, cuja produção é voltada a atender a demanda do mercado interno brasileiro (NASCIMENTO, 2023).

O mercado brasileiro de hortaliças é caracterizado por grande diversidade e segmentações, tendo dezenas de olerícolas comercializadas e consumidas em diferentes regiões do País. Sabe-se que as hortaliças são consideradas importantes fontes de vitaminas, sais minerais, fibras e antioxidantes, embora o consumo no Brasil esteja muito abaixo dos valores diários preconizados por instituições de saúde. Esse baixo consumo tem sido também acentuado pelo cenário econômico, inflação e baixo poder aquisitivo da população (NASCIMENTO, 2023).

Economicamente, o agronegócio envolvido com as hortaliças é responsável pela geração de um grande número de empregos devido à elevada exigência de mão-de-obra durante todas as etapas da produção, que vão desde a semeadura, passando pelos tratos culturais, pela colheita, pelo beneficiamento e por fim pelo comércio desta produção. Sendo assim, a cadeia produtiva da horticultura é bastante dinâmica com produção ao longo do ano inteiro nas diferentes regiões do País, embora estas regiões produtoras apresentem diferentes níveis de tecnologia, de produtividade e de investimento para sua produção (NASCIMENTO, 2023).

Porém, embora haja o otimismo com a produção agrícola no Brasil existe uma problemática envolvida com o desperdício de alimentos, sendo as hortaliças as grandes responsáveis por esse índice o que indica a necessidade de modernização das práticas agrícolas. Isso ocorre porque o Brasil possui fatores determinantes como o clima, o transporte e o manejo que podem ser estudados e se adotadas medidas adequadas, reverter este quadro de desperdício. Além disso, deve-se investir na inovação tecnológica e na gestão eficiente para minimizar perdas e desperdícios, fortalecendo a cadeia produtiva. Portanto, a compreensão das inter-relações entre produção, consumo e sustentabilidade torna-se essencial para promover um agronegócio mais competitivo e alinhado às demandas sociais e ambientais (CARDOSO *et al.*, 2024).

Outra exploração da horticultura se deu a partir do século XIX, com a inclusão das hortas escolares em países da América do Norte e Austrália, onde as hortas são utilizadas como ferramentas didáticas com a finalidade de promover principalmente o conhecimento sobre a educação nutricional e ambiental. Além dessas finalidades autores defendem que o uso da horta pode promover habilidades sociais tendo em vista a segurança nutricional e a sustentabilidade ambiental. Outros fins didáticos para emprego das hortas escolares incluem: Alfabetização, literatura, relações pessoais, artes, matemática, tópicos em ciência natural, química, aprendizagem de idiomas, cultura, história e geografia. Em países desenvolvidos onde a cultura da horta escolar já está mais presente e atrelada ao currículo escolar, os parâmetros de avaliação da efetividade, integração e sustentabilidade das hortas escolares também são estudados. As hortas escolares ainda podem ser utilizadas para tratar de assuntos sobre arquitetura e história das hortas escolares. No Brasil, o foco principal para uso das hortas em escolas está na promoção da agricultura familiar e da agroecologia (SANTOS; ABDOUNUR, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta busca bibliográfica histórica foi possível verificar diversas tentativas de se trazer levantamentos sobre a historicidade da horticultura no Brasil. No entanto, as grandes obras estão focadas em períodos concentrados na exploração colonial durante as monoculturas de cana-de-açúcar, café, algodão, milho, além das práticas extrativistas de madeira. Mais além, essas obras também se concentram em detalhar a construção histórica e relevância dos Institutos de pesquisa agropecuária do Brasil. Porém o que se observa é que os autores se esforçam em descrever alguns hábitos alimentares de períodos pré-coloniais e à época do Império, porém sem maiores detalhes sobre os conhecimentos de técnicas de cultivo nacionais e/ou prováveis pesquisas realizadas no Brasil, trazendo a horticultura em um segundo plano, por vezes com informações sem se atestar uma fonte bibliográfica histórica válida ou mesmo sem documentação.

Sendo assim, os conhecimentos históricos registrados na presente pesquisa podem contribuir com essas lacunas de conhecimento aqui atestadas por documentos históricos, como os raros volumes da “Revista de Horticultura” e das ilustrações científicas das variedades de hortaliças do acervo do IAC, utilizadas no estudo e implantadas na produção de alimentos no Brasil. Estes registros embora escassos podem auxiliar na construção histórica da horticultura brasileira, evidenciando as dificuldades nos séculos passados e atuais, assim como, os avanços que tornaram o Brasil, o grande celeiro de alimentos ao nível mundial.

Mas, a presente pesquisa teve suas limitações, averiguando um curto recorte temporal e, portanto, sugerem-se futuras pesquisas que possam buscar outros registros históricos raros, em outras bibliotecas no Brasil, bem como em Portugal que possam trazer registros históricos da produção de hortaliças no Brasil. A busca pelas raízes históricas e preservação da memória agrícola e evolução técnico-científica da horticultura brasileira podem favorecer a construção de um sólido campo de saber que é a horticultura.

AGRADECIMENTOS

À pesquisadora Eliana Fabri Gomes do Instituto Agronômico de Campinas (IAC) e aos funcionários da biblioteca do mesmo Instituto pelo acolhimento e disponibilização do acesso aos materiais utilizados nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F.; RODRIGUES, J. B.; ROHAN, C. H. B.; CAMINHOA, J. M.; CAPANEMA, G. S. *et al.* **Revista de Horticultura: Jornal de Agricultura e Horticultura Prática**. Ano 1, n. 1, p. 1-234, 1876.

ALBUQUERQUE, F.; RODRIGUES, J. B.; ROHAN, C. H. B.; CAMINHOA, J. M.; CAMINHOA, L. *et al.* **Revista de Horticultura: Jornal de Agricultura e Horticultura Prática**. Ano 2, n. 2, p. 1-240, 1877.

ALBUQUERQUE, F.; RODRIGUES, J. B.; ROHAN, C. H. B.; CAMINHOA, J. M.; CAMINHOA, L. *et al.* **Revista de Horticultura: Jornal de Agricultura e Horticultura Prática**. Ano 3, n. 3, p. 1-233, 1878.

ALBUQUERQUE, F.; RODRIGUES, J. B.; ROHAN, C. H. B.; CAMINHOA, J. M.; CAMINHOA, L. *et al.* **Revista de Horticultura: Jornal de Agricultura e Horticultura Prática**. Ano 4, n. 4, p. 1-224, 1879.

CABRAL, L. Embrapa and the construction of scientific heritage in Brazilian agriculture: Sowing memory. **Development Policy Review**. v. 39, n. 5, p. 789-810, 2021. Disponível em: ><https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/dpr.12531><.doi: 10.1111/dpr.12531

CARDOSO, D. B.; BORELLI, V. A. S.; PUTTI, F. F.; GÓES, B. C. Horticultura no Brasil: Desafios e Oportunidades na Produção e Sustentabilidade do Tomate. **Revista Tema Online**. v. 2, n. 2, p. 121-130, 2024. Disponível em: ><https://publicacoes.uniesp.edu.br/index.php/9><. doi: 10.5281/zenodo.14290773

FABRI, E. G.; FELTRAN, J. C.; GONÇALVES, C.; PERESSIN, V. A.; MODOTO, V. A.; *et al.* A horticultura no Instituto Agronômico: contribuições históricas, atuais e futuras. **O Agrônomo**. v. 74, p. 20-59, 2022. Disponível em: <https://www.iac.sp.gov.br/media/publicacoes/oagronomico_volume_74_v2.pdf>. Acesso em: 04 de novembro de 2025.

HENZ, G. P.; BRUNE, S. Os 22 anos da Horticultura Brasileira: a revista chega a maioria. **Horticultura Brasileira**. v. 22, n. 4, p. 671-676, 2004. Disponível em: ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer – Jandaia-GO, v.22 n.54; p. 60 2025

<<https://doi.org/10.1590/S0102-05362004000400001>>. Acesso em: 22 de outubro de 2025.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MELLO, P. C. T.; MELLO, A. M. T. Olericultura brasileira: do descobrimento ao século XXI. **Revista da Associação Portuguesa de Horticultura**. n. 119, p. 22-27, 2016. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/004338643a381c7a82bd9> . Acesso em: 21 de novembro de 2025.

MELO, A. M. T.; FABRI, E. G. Horticultura no IAC: pesquisa e inovação como instrumento de acesso a novos mercados. **O Agrônomo – Boletim Técnico-Informativo do Instituto Agrônomo**. v. 69, 2017. Disponível em: <http://oagronomico.iac.sp.gov.br/?p=893>. Acesso em: 15 de novembro. 2025.

NASCIMENTO, W. M. A **Cadeia produtiva de hortaliças e o valor bruto da produção**. Brasília: Embrapa Hortaliças, 2023. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/78089493/artigo---a-cadeia-produtiva-de-hortalicas-e-o-valor-bruto-da-producao>>. Acesso em: 10 de novembro de 2025.

PASCHOAL, A. D. **História da agricultura: cinco séculos de agricultura no Brasil**. Piracicaba: FEALQ, 2024. 564p.

PETRY, C.; DALLAGNESE, L.; VENTURA, M.E.; GARCIA, N.B.U.; VALIATI, M; GEISER, R. The Brazilian horticultural agronomist between gardening and landscaping. **Acta Horticulturae**. n. 1108, p. 269-276, 2016. Disponível em: <https://agris.fao.org/search/en/providers/122535/records/65df041d63b8185d9c>. Acesso em: 15 de novembro de 2025.

RODRIGUES, A. D. **Horticultura para todos**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal/Junta e Freguesia de Alvalade, 2017. 276 p.

SANTOS, V. G.; ABDOUNUR, O. J. A plasticidade da horta escolar como ferramenta pedagógica. Revista Biosfera. **Enciclopédia biosfera**. v. 21 n. 50; p. 1-15, 2024. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2024D/a%20plasticidade.pdf>. Acesso em: 12 de setembro de 2025. doi: 10.18677/EnciBio_2024D1

SILVA, C. M. **Paisagem latente: o processo de construção da paisagem do Clube Náutico Araraquara, SP**. 2022. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-05012023-164443/>. Acesso em: 21 de novembro de 2025.